

O IDEOLÓGICO, O ERÓTICO E O RELIGIOSO EM ASSUNÇÃO DE SALVIANO

Luiz Tavares Júnior

1. INTRODUÇÃO

Assunção de Salviano abre a trajetória de Antônio Callado como ficcionista, num momento em que a Literatura Brasileira não apresentava grandes novidades e transcorria tranquilamente, sem deixar entrever o que nos aguardava, a partir de 1956, com o aparecimento de *Grande Sertão: Veredas* e o surgimento da poesia concreta.

Não surgiu, igualmente, com aquele ímpeto que nos pudesse antecipar o romancista que emergia naquele momento, na cena da Literatura Brasileira de nossos dias.

O romance de 30 já se esgotara nas suas obras primas e o espanto da narrativa de Clarice Lispector já não assustava tanto.

Embora em Assunção de Salviano já estivessem em germe os grandes temas e certos procedimentos formais de Antônio Callado, com exceção de seu "indianismo", não se poderia entrever o engrandecimento valorativo e seu evoluir em espiral.

Bem recebido pela crítica na voz autorizada de Tristão de Athayde, Assunção de Salviano, no pensar do crítico, situa-se no "terceiro tempo de uma das tendências de nosso romance moderno: na passagem do nacional ou regional ao universal".

Apesar de não acompanhar a afirmação de Alceu Amoroso Lima de que o primeiro romance de Antônio Callado opere o trânsito do regional para o universal, ficando antes a meio caminho dessa transcendência, é bem singular que emergja uma criação regionalista de um autor de vivências tão urbanas e cosmopolitas, até então.

O regionalismo de Assunção de Salviano pode-se buscar no espaço do Romance, cuja ação decorre em pequeno trecho das mar-

gens do São Francisco, na cidade de Juazeiro da Bahia e nas franjas da cidade de Petrolina, em Pernambuco.

Integram, porém, o universo as personagens figuras vindas de fora, Rio de Janeiro e Santa Catarina, e até um mascate internacional, Mr. Wilson.

A força do localismo, no entanto, reside, fincadamente, na temática, quase nada na linguagem e na paisagem, palbitando, exuberante, no drama das populações nordestinas, a se debaterem na miséria e na exploração do homem sertanejo, que anseia por justiça social e encontra no fanatismo religioso uma das saídas possíveis que a cultura do meio, antropológica e historicamente, pode oferecer.

A narrativa retrata, é bem verdade, um "facies" do momento nordestino — o clima de perturbação social e uma progressiva conscientização das massas camponesas, trabalhadas pela ideologia de esquerda e até agora controladas pelo poder conservador das velhas aristocracias urbanas e agrárias da classe dominante, detentora do poder material e espiritual.

Simultaneamente com o problema ideológico, a narrativa traz à tona o mundo do erótico e do religioso, o que poderia alargar os horizontes do regional até às fronteiras do universal, não fora o sufocamento destas forças pelo mundo pequeno de personagens que não pulsam além dos limites de sua paróquia, com exceção de Salviano, cujo drama avulta a cada passo da narrativa.

Adequada à ação da narrativa, a linguagem corre, conduzida por um narrador de terceira pessoa, sustentada por um diálogo leve e descompromissado, enriquecida e adensada por um monólogo interior de extraordinária vibração, que alça o discurso narrativo a um patamar de encantatória e sedutora instrospecção.

2. ANÁLISE DA NARRATIVA

2.1. *Resumo (in)dispensável*

Assunção de Salviano descreve principalmente o drama de Manuel Salviano, modesto carpinteiro nordestino, que, de regresso do Norte do Paraná a Juazeiro da Bahia, na companhia de sua mulher Irma, empreende levar vida de cauteloso agitador político, como fora antes nas terras do Sul, arengando as massas de camponeses, a partir de pequenos grupos, semanalmente visitados, para conversas e discussões em torno de problemas fundiários, da exploração exercida pelos grandes proprietários, acobertados pelo poder político e mando das autoridades locais.

Inimigo da Igreja e dos padres, vota-lhes ódio mortal, por sabê-los a serviço das classes dominantes e co-responsáveis pelo clima de exploração em que vivem as massas, sobretudo, as camponesas, facilmente levadas a suportar fome, miséria, quando manipuladas por um discurso religioso, que lhes toca as almas, predispostas ao misticismo, inclinadas culturalmente ao fanatismo, sobretudo, no Nordeste, de raízes mergulhadas em profundas tradições de religiosidade popular.

Salviano voltara à terra natal, após os fracassos da revolução camponesa, no norte do Paraná e no sul de São Paulo, protegido, em sua viagem de retorno, pelo Partido, que lhe montara uma carpintaria, em Juazeiro, com a incumbência, de agora por diante, participar da preparação da revolução social no Brasil, a partir do Nordeste, com o levante das populações camponesas das margens do São Francisco, o rio da unidade nacional, que, ao pegar fogo, em suas margens, incendiaria todo o território brasileiro.

Para guiá-lo nessa tarefa, o Partido escalou o jovem poeta João Martins e Júlio Salgado, travestidos de falsos engenheiros, a se dizerem destacados, para estudar as condições de abrir uma nova companhia fluvial, em Juazeiro, com capitais do Sul.

O Sr. Júlio Salgado é o cérebro do projeto e arquiteto da Operação Canudos, cuja primeira ação seria explodir o andor de Nossa Senhora da Glória, por ocasião da procissão fluvial, por ato de sabotagem de camponeses, já então convertidos em fervorosos adeptos das idéias do Partido, a partir da fala de Manuel Salviano.

As visitas contínuas ao sítio do Cancela, pequeno agricultor, que arrebanhava camponesas para a pregação de Salviano, não estavam dando resultado imediato e já se aproximava o grande dia da festa da padroeira e nada de concreto se conseguira para a explosão do barco da santa.

Júlio Salgado, frustrado por lhe escapar as condições de realização da Operação Canudos, tenta um novo plano: convencer Manuel Salviano a assumir o falso papel de beato, "de iluminado que não seja iluminado", para, através da prédica religiosa nos moldes tradicionais do Nordeste, de inspiração nos modelos de Antônio Conselheiro e Pe. Cícero, envolver as massas camponesas que, após fanatizados e sob as promessas do reino ds céus, promoveriam a rebelião, "a luta pelo reino deste mundo", sob o comando religioso de Manuel Salviano, misto de padre e cangaceiro, e sob a condução de Júlio Salgado e João Martins.

Como era de se esperar, houve grande resistência de Manuel Salviano, que, afinal, diante da argumentação de Júlio Salgado, capitulou e assumiu a função de pregador ambulante e beato rezador.

Deu-se, porém, o "milagre": Manuel Salviano, de anti-religioso, ateu, converteu-se em "santo", após a visão de intensa luz celeste, e tornou-se uma figura venerada por multidões e multidões dos arredores do sítio do Cancela e de longínquas paragens do Sertão: cegos, aleijados, paralíticos, famintos, simplórios camponeses, acorriam de léguas e léguas, para ouvir Manuel Salviano, tocar suas vestes, implorar curas e realização de milagres, que aconteciam na concepção dessa gente ingênua e miserável, já agora arrebatada por férvido fanatismo.

Não houve mais razões, ameaças, ponderações de Júlio Salgado e de D. Irma, que o fizessem retroceder; seu espírito fora assumido pelos poderes de Deus; ei-lo convertido em novo Conselheiro.

Manuel Salviano passa a ser leitor da Bíblia, que antes rejeitara, quando da oferta de Mr. Wilson, com grosseria, contrariando seus hábitos de homem simples, mas cordato.

Mr. Wilson, "vendedor de roupas de nylon e detetive amador e distribuidor voluntário de bíblias para a Bible Society", conheceu a família de Irma em Blumenau e a visitara em Juazeiro.

Hospedado na mesma pensão de Júlio Salgado e João Martins, levado por seu faro de detetive, resolvera investigar os passos dos dois falsos engenheiros e verdadeiros ativistas do Partido, sob sua desconfiança.

Sentindo-se ameaçado pela ação de Mr. Wilson, Júlio Salgado assassina o americano protestante e esconde, já agora para vingar-se de Manuel Salviano, que escapara ao seu controle, a bolsa com as roupas de nylon e três bíblias, no galpão de ferramentas da casa de Salviano.

Por um estratagema de Júlio Salgado e cooperação de João Martins, D. Irma, despeitadíssima com Manuel Salviano, por causa de seu novo modo de vida e movida de ciúme de Rita, cabrocha apaixonada de Salviano, e acompanhante do beato, entrega a bolsa ao delegado, Dr. Cruz, para incriminar o marido.

Para sossego da polícia, do Prefeito, do vigário — Pe. Generoso, estava descoberto o criminoso do Mr. Wilson, cujo assassinato, a par da movimentação das multidões em torno do novo beato, inquietava as autoridades e as pessoas gradas da comunidade.

Preso, Manuel Salviano entregou-se, na cadeia, a um processo intenso de jejum e oração, recusando água e comida e até os cuidados de Ritinha.

Prenunciando-se sua morte, por esgotamento físico, as autoridades entraram em pânico, temendo a multidão dos romeiros, aglomerada, há dias, em volta da cadeia, crente da inocência de Salviano e resolvida a arebatá-lo à força.

Ritinha, a cabrocha lavadeira, de olhos verdes, paixão do jovem poeta João Martins, fêmeiro ardente, estava a ponto de descobrir o verdadeiro assassino, o Sr. Júlio Salgado, através da confissão do amigo, quando morre o beato Salviano.

“Na noitinha da véspera de Nossa Senhora da Glória, o soldado Caraúna, encarregado de velar por Manuel Salviano, encontrou-o morto sobre o monte de palha”.

Novo conciliábulo das autoridades para solucionar o grave problema, criado pelo corpo de Salviano. A multidão dos fanáticos, impaciente, prepara-se para arrancá-lo, vivo, das grades.

Mais uma vez, a argúcia de Júlio Salgado salva a situação, ao retirar o defunto por cima do telhado, para cremá-lo, com o consentimento do Prefeito, do Vigário, do Juiz e do Promotor, no forno da padaria da Rosa, alugado, para assar farinha, pelo delegado.

A multidão, afinal, arrombou a cadeia, pôs abaixo a cela e Ritinha “foi a primeira a pisar sobre a porta derrubada. Abriu os braços e todos se detiveram por trás dela. A palha, o catre, vazio. No teto, acima do catre, um rombo, um tubo de madrugada, um túnel em que a sombra da noite se fazia manhãzinha. Ritinha tremeu em todos os seus membros, abriu bem os olhos, ergueu os braços e lançou aquele brado que rolou como uma onda por todo o S. Francisco:

— Subiu pro céu! Subiu pro céu!

— Salviano subiu pro céu! responderam mil bocas”.

No meio ao vozerio, Irma recebeu as cinzas das mãos de Júlio Salgado, já pronta para partir para Blumenau, deixando atrás de si Ritinha e os andrajosos seguidores do marido, a apregoarem “a assunção de Salviano”.

2.2. *O espaço: representação e evocação*

A narrativa de Assunção de Salviano palmilha a estrutura tradicional, através dos três momentos clássicos: os dois primeiros capítulos funcionam como uma introdução. Ao mesmo tempo em que abre o cenário, situa o espaço do romance no sertão, precisamente entre os dois Estados da Bahia e Pernambuco, nas cidades vizinhas de Juazeiro e Petrolina, cindidas pelo rio S. Francisco; introduz as personagens: Júlio Salgado, João Martins, Manuel Salviano; o sargento Caraúna, o camponês Cancela, Mr. Wilson; o vigário, Pe. Generoso, Irma, a mulher de Salviano, a cabrocha Ritinha de olhos verdes e Zeca, o taverneiro.

Propõe a temática, arrimada em um tríptico doutrinário: uma proposta ideológica de socialização — a sexualidade — e a religiosidade. Esses aspectos serão desenvolvidos, com alguma novidade ficcional, como veremos, mas, sobretudo, com uma fidelidade às constantes culturais do Nordeste, com algumas surpresas de solução.

Na conclusão, explicitamente nomeada “Epílogo”, resolve-se definitivamente o desequilíbrio, estabelecido na parte central do percurso romanesco, alargando-se o quadro no simbolismo, evocado no lance final.

* * *

A escolha do espaço é o primeiro elemento a despertar atenção: a meio caminho entre o litoral e o interior, recuado das grandes metrópoles, buscando as margens do São Francisco, rio de forte tradição histórica e folclórica, prenhe de simbolismo, o terreno da ação romanesca, composto pelo perímetro urbano de uma cidadezinha do interior, com as portas voltadas para o sertão, se ajusta, pelo despojamento dos contornos físicos e geográficos, solidariamente ao conteúdo da narrativa, sem lances épicos de grandiosidade, antes palco apropriado a uma nova mensagem de “evangelização”, a ser absorvida pelo campo, que, nos prognósticos da linguagem, percebidos nos índices, nos motivos, nos símbolos, nas personagens, disseminados em seu percurso, oferece a terra arroteada para as novas sementes dos tempos novos.

Assunção de Salviano, quanto ao espaço, anuncia a renovação, que estava chegando (ou partindo, quem sabe?) e logo mais iria chegar mais intensa ainda ao povo sertanejo, na voz dos arautos das ligas camponesas e na palavra dos religiosos, comprometidos com os pobres, com os sem-terra.

A anunciação da boa nova não se limitaria à doutrinação de caráter revolucionário, mas atingiria, através da televisão, os costumes e práticas sociais, chocando-se com o linguajar cediço das velhas igrejas, do terreno das antigas paróquias, correspondentes aos velhos currais eleitorais.

Em Assunção de Salviano, a escolha do espaço recai no velho chão ressecado das caatingas, nas vilas e nos caminhos poeirentos, nos pisos de terra batida das humildes palhoças e nos pátios, varriões pela vassoura de palha ou de garrancho. Está-se em um cenário redivivo de Canudos e da Meca do Pe. Cícero, dos tabuleiros e dos carrascais dos conselheiros e dos justiceiros, dos Júlios Maciéis e dos Jesuínos Brilhantes.

No pensar de Júlio Salgado, Manuel Salviano, o novo arauto da revolução social, ao sair do campo para as cidades, seria aencarnação dupla do pregador popular e condutor de massas deserdadas.

— “Sim, mas me compreenda bem. É preciso aparecer um iluminado que não seja iluminado — que se alumie apenas da luz da razão e do partido —, um santo que só lute pelo reino deste mundo, um novo tipo de beato, que dirão misto de padre e de Antônio Silvino lúcido, um Virgulino Lampião com rosário enrolado no rifle e um plano de revolução no bolso”. p. 36

Por metáfora, na criação da linguagem, o Sertão estava convertido no solo da revolução e as colheitas dos campos em soldados da luta da libertação. Era preciso expulsar da terra os coronéis lucas, os grileiros, expropriadores das pequenas propriedades de modestos camponeses.

“Júlio imagina, naquele instante, a caatinga cinzenta crescendo como um tapete pelo mundo inteiro, galgando montes e vales como um linóleo, abafando todos os verdes como um sudário. Salviano via as colheitas como um exército — tomando conta da terra e nela fincando as bandeiras amarelas do milho em flor”. p. 39

O espaço de Assunção de Salviano, explícito no enunciado, afluído nas dobras da enunciação, denotado no trajeto das personagens, conotado pela linguagem, espelhado no traçado urbano de Juazeiro da Bahia, corresponde à geografia da Juazeiro mística do Ceará. Aspira a ser, por força do símbolo, uma nova terra santa, planda por salv-ador e por salv-ados, percorridas por um São João Batista:

“Depois um penitente andrajoso e de pescoço todo enrolado em breves e escapulários espetou seu bordão nos ares, exclamando:

— Eu sou João Batista. Encontrei o maior que eu”.
p. 60

Nos meandros desse espaço místico, o caminho da casa de Salviano ao sítio do Cancela converte-se em nova estrada de Damasco, quando ele é visitado por “uma nuvem de ouro” que “brilhava demais” e projetava na terra a sombra da forquilha dos dedos de Deus, que virou “uma cruz do tamanho deste mundo, que cruzava o São Francisco e se deitava na caatinga até as beiradas do horizonte” (p. 50 e 51).

Como Saulo, inimigo de Jesus, Salviano, converteu-se em Paulo, apóstolo da gente famélica, condutor dos pobres.

— “Só quero que vocês imaginem uma coisa: imaginem todos os pobres juntos, com rifles, com paus, com ferro de tocar boi, imaginem todos os pobres do S. Francisco subindo juntos para o Cariri, baixando lá para a pancada do mar! Quem é que pode resistir a nós todos? Quem é que vai mandar a gente parar?”. p. 48

O Sertão identifica-se com a terra da promessa, com o filho de Deus, “transformando as pedras em rebanho e enchendo de leite os rios secos” (p. 46), “a cair maná de coco e de mandioca nas caatingas da Bíblia” (p. 59).

Como se vê, o espaço, figurado na narrativa, é o decalque de um espaço místico, que corre por baixo, oferecido pelo fundo de religiosidade que atravessa o romance. Planta-se ainda no cerne da tradição literária da ficção nordestina, erudita e popular, que emoldura o sertão em uma geografia mítica e sagrada.

2.3. *Triade temática: o ideológico, o erótico e o religioso*

Sobre esse espaço representado e sobre esse “terreno evocado”, desenrola-se o drama do carpiteiro Manuel Salviano, antes, mas, sobretudo, depois de sua conversão, durante o tempo que se operou sua transformação em beato, em “iluminado”, verdadeiramente iluminado, a contragosto do diabólico plano de Júlio Salgado, julgando possível a Salviano apenas a representação do papel de “conselheiro”.

Talvez possa afirmar-se que um dos grandes motivos do romance seja a religiosidade que, indiscutivelmente, atravessa a narrativa de Assunção de Salviano, e vara, com força maior ou menor, toda a ficção de Antônio Callado, até agora, contrabalançando com o erotismo e correndo paralelo com o “ideológico”.

Sobre esses três grandes motivos, em seus desdobramentos diversos, assenta-se Assunção de Salviano, como se esta narrativa primeira de Antônio Callado fosse o grande prólogo de toda sua obra ficcional posterior.

É claro que estas três forças temáticas assumirão maior profundidade, maior desenvolvimento, na obra posterior do autor, mas é em Assunção de Salviano que elas despontaram, para permanecer e servir de socorro à criação ficcional calladiana, como uma grande

caudal, cujo curso, na impetuosidade de sua marcha, alarga as margens, espalha-se sobre as várzeas, escava, fundo, o leito, quando entre margens de granito.

A interioridade humana, impulso vital, Eros, como força criadora, no plano físico da renovação da espécie, no plano da "estesia", como floração da arte e fonte do prazer, é uma das pilastras de sustentação do homem, na esfera do terreno, como nos ensina Freud.

No âmbito do extraterreno, a cultura alçou o homem a filho de Deus, fê-lo adorador de deuses e deusas ou místico em busca da integração com o nada; é o "homo religiosus" de Quatrefages, em marcha.

Essas duas grandes forças que se irmanam, por vezes e, por vezes, se digladiam no interior do ser humano, atuam, pensamos, mais no reino das conquistas individuais, no círculo fechado do "self".

Outro é o impulso no sentido social, no domínio do mundo para o outro, no avanço da integração dos bens da terra em favor da comunhão universal de todos: e o veículo, o condutor dessa terceira força é o ideológico, portador da renovação no plano social, no sentido alardeado ou proposto por Marx.

No caso da cultura brasileira e, em especial, da cultura do Nordeste, ponto de partida da ficção de Antônio Callado, com Assunção de Salviano e sua expansão em *Quarup*, e no conjunto de sua produção intelectual, que pretende abarcar o Brasil inteiro, em sua problemática global,

esses três elementos: religião — sexo — ideologia, mutuamente interpenetrados, apresentam especificidades que a ficção de Antônio Callado problematiza, tenta revelar, procura dissecar, no intuito de compreensão da realidade brasileira e fá-lo, em consonância com o pensamento atual, de linha crítica e renovadora (para tanto, percebe-se a ironia de sua linguagem); ora, de maneira profética, na plor das hipóteses, catalizadora de vozes antecipadoras da elucidação crítica da atualidade social brasileira.

Em relação a Assunção de Salviano, o Nordeste se desunda, em algumas manchas, através do tratamento do erótico, encarnado na cabrocha Rita, de olhos verdes; no procedimento libidinoso do jovem poeta João Martins manifesta-se, um pouco, o comportamento sexual do homem brasileiro; na confissão e nos desejos eróticos de Júlio Salgado, pode-se ver o levantamento de pontos no tratamento do problema da homossexualidade, em nossa cultura e na cultura burguesa.

O ideológico, compreendido, aqui, como o processo de conscientização (operária e camponesa), através da doutrinação das idéias

marxistas e leninistas, com vistas à transformação da sociedade pela revolução social, participa, de maneira clara, da história da realidade nordestina, e, por extensão, da história geral do Brasil, na maneira ao que parece um pouco caricata, como é tratada a atuação do "Partido", em diversos pontos do território nacional, até a década de 60.

A atuação inicial de Manuel Salviano, antes de sua conversão, vindo de tentativa fracassada em terras do Sul, o comportamento idealístico do jovem João Martins, o desempenho pragmático do agente Júlio Salgado, sem escrúpulos diante de qualquer obstáculo à sua missão de promover o comunismo, a recepção da massa camponesa às novas idéias sociais, a indiferença do poder conservador encarnado no vigário e nas autoridades constituídas, são matizes da manifestação do ideológico em Assunção de Salviano, cujo espaço representado e evocado corresponde, metaforicamente, ao espaço geográfico e cultural do Nordeste.

No jovem João Martins, poeta, intelectual, sonhador, apesar de escolhido (pelo Partido) para a tarefa de sublevação do camponato, destaca-se mais seu comportamento erótico, por imperativo da idade, pelo arrebatamento do seu temperamento fogoso de "animal femeieiro", preso à barra das saias das mulheres, das putinhas de ponta de rua, em quem procurava aplacar seus impulsos luxuriosos e cevar seus instintos sexuais.

No jovem comunista, ouviam-se as vozes do erótico; ficando, na prática, em segundo plano, o ideológico, sem vestígios de religiosidade, seus atos de criação artística e muito menos é lógico, sua prática de comunista.

Seus esquemas de criação, seus esboços de poemas afloram mais por necessidade de expansão do erótico, no interior de sua alma, do que por inspiração de idéias cerebrinas, que, por ventura, lhe ocupassem o espírito, submisso à ideologia, a que estava a serviço.

Em lugar de "relatório", assaltava-lhe a mente a gestação de seu "formoso poema, Bodas de Petrolina e Juazeiro". "A personagem Juazeiro está cada vez mais caracterizada como o brasileiro cem por cento, o brasileiro-sertão, o brasileiro-norte, e Petrolina como a mulher imigrante, que vem para lhe dar filhos são".

Essa força de fecundação, de geração do "brasileiro-sertão", do "brasileiro-norte", do "brasileiro cem por cento" não vem do ideológico, como seria de sua obrigação pensar, nem do religioso, que não encontra adesão em seus afetos, mas do erótico, como princípio de vida, pairando, na sensibilidade do poeta, acima de qualquer determinação, quer seja ideológica, quer seja religiosa.

No erótico, o jovem João Martins se realiza, encontra alento para expansão poética, para a construção de sua visão de mundo, para sua integração de fraternidade com o outro, na união do desejo que enlaça o homem e a mulher, apazigua os sentidos, acrisola a sensibilidade, e apaga os preconceitos e diferenças de classe, unificando a todos sob o signo do erótico, no atendimento dos reclamos da carne, na igualdade da justiça e no nivelamento social de todos.

Essa manifestação de Eros, sublimada em João Martins, a conceber poemas e a sonhar com a mulher, vamo-la encontrar límpida, de cáldido fervor, na cabrocha Rita, de olhos verdes.

Assim apresentada, trazendo os traços físicos, desenhados em pernas torneadas, seios empinados e olhos verdes, Rita, a lavadeira, de vestido de branco imaculado, leve, sorridente, perseguida pelo desejo dos homens, ativa e doce, é a imagem da mulher, esculpida pela cultura nordestina, estndo-lhe reservado na narrativa lugar de destaque, a se tornar, como pecadora, junto ao santo Salviano, seu Icnitivo e, qual Madalena, a anunciadora de sua assunção.

Nestas duas personagens, João Martins e Rita, o erótico exerce sua função de elemento criador, de elemento de união, de elemento de fraternidade entre o eu e o tu, de elemento de integração do eu com o outro, com a possibilidade até de fusão do erótico com o ideológico e o religioso, como nos confirma a trajetória da personagem — Ritinha.

Onde impera, porém, a força do ideológico, o ímpeto do erótico cede lugar e não repona a pulsão do religioso.

Assim nos ensina a narrativa, quando põe em ação a personagem — Júlio Salgado — dominado pelo ideológico, impermeável ao religioso e acessível ao erótico, nas suas expansões negativas e condenáveis

Figura, ao que parece, de confiança e prestígio dentro do Partido, Júlio Salgado, a serviço da ideologia, sufocou, em sua alma, o religioso, e para atendimento do erótico deixou apenas brechas para aquelas manifestações que a cultura nordestina condena e a própria cultura brasileira, como um todo, não tem ainda senão vistas complacentes.

A personagem Júlio Salgado tem grande destaque, na narrativa de Assunção de Salviano, perdendo, apenas, para Manuel Salviano, o protagonista do romance. É o primeiro nome que a narrativa apresenta e o penúltimo citado, no período final do texto.

Júlio Salgado é a encarnação do ideológico, eleito pelo partido para executar "o plano da Operação Canudos, núcleo explosivo da Revolução no Norte e Nordeste". p. 15

Adventício, chega ao Nordeste, às terras do São Francisco, na cidade de Juazeiro, tendo da cultura nordestina as informações da história e os dados da sociologia. Sua formação marxista dominava-lhe a inteligência. Seu sectarismo ideológico, aliado à vaidade de crescer dentro do Partido, pelo desempenho de grandes feitos na realização da Operação Canudos, empolga sua consciência, tornando-o capaz de qualquer ação, por mais criminosa que fosse, movida pelo princípio amoral de que os fins justificam os meios.

O ideológico secou-lhe a alma, crestou-lhe os sentimentos, converteu-o em uma máquina a serviço do Partido. Para alcançar seus objetivos, não se detém nem sequer diante do crime, do embuste, da mentira; suas ações, na narrativa, correm na trilha da morte, do engano, da falsidade.

Iluminado por seus conhecimentos, fortalecido nas luzes da ideologia, planeja explodir o andor da Santa, no dia da festa da padroeira, 15 de agosto, profanar o templo, cortando cabeças de santo à bala, destruindo altares. Elimina, assassinando à faca, Mr. Wilson, que queria investigar seus passos, com uma frieza que apavora João Martins. Com essa mesma frieza, arquiteta o estratagema de "converter" Manuel Salviano, em beato, para mais facilmente poder sublevar os camponeses, que depositavam confiança no carpinteiro. Conseguiu induzir D. Irma, mulher de Salviano, a ser contra o marido e delatá-lo junto ao delegado, como o matador do americano, escapando ileso do próprio crime.

Não bruxoleia em seu interior o mínimo lampejo do religioso e o erótico se agita apenas em seus estremecimentos pervertidos, ao menos aos olhos da cultura vigente. Seu amor não se encaminha no sentido do natural, elegendo como objeto do seu desejo a João Martins, tendo a linguagem da narrativa o pudor de não revelar ao outro seu homossexualismo, atribuindo-lhe ele aos preconceitos burgueses esse constrangimento social.

Por tudo isso e mais coisas que a linguagem revela e cala, a figura de Júlio Salgado não se coaduna numa emblemática de adesão, favorável aos padrões culturais do Nordeste, que Júlio Salgado, peço em seu erotismo, vazio em religiosidade, pretendia salvar, resgatando para o comunismo, com pretensões de subverter as práticas religiosas e eróticas, sedimentadas por longa tradição histórico-cultural.

Outra, porém, bem outra é a imagem, construída pela narrativa, da figura de Manuel Salviano, o protagonista. Nele se fazem presentes os três elementos: o ideológico, o erótico e o religioso, que atuam com intensidade distinta; no primeiro momento, o ideológico,

associado ao erótico; no segundo momento, o religioso, associado ao erótico; no terceiro momento, afinal, a vitória exclusiva do religioso.

Como Júlio Salgado, Manuel Salviano chega a Juazeiro, fugindo do Sul, apenas, com a diferença de ser natural do Nordeste. Vem com o espírito dominado pelo ideológico, que não o deixa, porém, insensível aos influxos eróticos, deleitando-se, com a imagem e a fala da cabrocha Rita, que lhe inflama o sangue, alimenta-lhe o desejo, que não satisfaz, por tê-lo de qualquer modo apaziguado no seu leito de casal.

Predestinado a encarnar a figura de santo e beato, Manuel Salviano atravessa a narrativa, desde o primeiro momento, mesmo com o desconhecimento de seu trajeto heróico, sob o influxo maior, no primeiro instante, do ideológico, depois, sob o influxo dominante do religioso, bafejado sempre pelos eflúvios do erótico.

Sob a predominância da ideologia, Salviano era impermeável ao religioso, votando ódio inconfessável aos padres, àquela Igreja, imobilizada no altar e na sacristia, atrelada ao conservadorismo, servindo-se do sagrado, para a manutenção dos privilégios das classes dominantes e da miséria e exploração dos deserdados, dos pobres, incapazes, pelo peso da cultura, de bem discernir além das promessas enganosas e ameaças terríveis do discurso religioso, manipulado por ministros do culto e dos ritos, a que se apegaram, com tanto fervor, no decurso de longa tradição cultural.

Nesta fase, Manuel Salviano, carpinteiro, como agente do Partido, doutrinava os camponeses, que, pouco numerosos, ouviam sua fala, em fórmula de parábola, de pequenas estórias.

O domínio do ideológico era quase absoluto sobre ele, pensando, em tempo integral, na doutrinação dos camponeses, na preparação da revolução, na insurreição do Nordeste, estopim da sublevação nacional; sobrava pouco espaço para o atendimento do erótico que se resumia no prazer dos encontros de rua com Rita, na vaidade de homem alimentada pelo discurso amoroso e sedutor da cabrocha, e no desejo de macho saciado por sua mulher, D. Irma. Fechava-se assim o círculo, ficando de fora o religioso, que aguardava ocasião para irromper e dominar.

Aceito o pacto, proposto por Júlio Salgado, Manuel Salviano prepara-se para representar o papel de beato, a princípio, com náusea; aos poucos, com certo gosto, para, com a conversão, inflamar-se por dentro e por fora, arrebatado, qual Elias, num carro de fogo, conforme lera na "Bíblia em português que Mr. Wilson deixara para Irma". p. 47

Doravante, Salviano não era mais o modesto carpinteiro de fala mansa, a doutrinar camponeses indecisos com a ideologia do Par-

tido; era o beato Mané Salviano, divulgador veemente dos castigos de Deus, milagreiro, ouvido pelos humildes, corajoso, porque confiante na palavra do Senhor, capaz de pregar às multidões de sertanejos, às portas da cidade de Juazeiro, para inquietar Pe. Generoso, perturbando-lhe a sesta, embalada por uma caboclinha, sua criada, trazendo-lhe azia depois do jantar.

A esta altura cruzam-se, na narrativa, duas vertentes do religioso: representada, uma, pelo Pe. Generoso, representante da Igreja Oficial, pastor de ovelhas, numa paróquia com limites determinados, com assento ao lado dos poderes constituídos, prefeito, juiz, promotor, delegado; assumida a outra pelo beato Mané Salviano, profeta rústico da assembléia dos pobres, andarilho santo da imensidão do sertão, com assento ao lado das massas dos necessitados: cegos, coxos, aleijados e despossuídos de terra.

As duas posições haveriam de chocar-se, pois, infelizmente, apesar de correrem na mesma direção, não fluem no mesmo leito.

A pregação de Pe. Generoso tem a auréola do saber, o prestígio da erudição e se concebe guardiã das verdades eternas, que se acomodam com as verdades dos donos do poder; a pregação do beato Salviano traz a pecha do popular, o vizez da ignorância e se apresenta como portadora de ameaça às verdades estabelecidas, como porta-voz das reivindicações dos dominados, dos explorados. O choque é frontal e inevitável.

Igualmente, o novo comportamento de Salviano não pode agradar ao Partido, intransigentemente impermeável a tudo que não decorre de sua ideologia. Estava selada a sorte do beato, que conseguia conjugar contra si forças visceralmente antagônicas, irreconciliáveis no entendimento da cultura, até então.

A Operação Canudos, concebida pelo Partido, vai-se realizar, só que às avessas, ou melhor, vai repetir-se, novamente, a história, com a vitória dos opressores, apenas nos limites trágicos do sacrifício de Antônio Conselheiro, redivivo em Manuel Salviano. E o silêncio da narrativa adia, mais uma vez, a hora da revolução social, que acrescenta, em seu martirológico, a morte de mais um mártir, glorificado pela massa dos oprimidos, que crê e propala sua assunção.

2.4. *Alguns processos da narrativa*

A todo esse conflito entre o religioso, o ideológico e o erótico, entrevisto em Assunção de Salviano, na cena aberta do enunciado e na cena encoberta da enunciação, tem-se acesso pela fala do nar-

rador, pelo desempenho das personagens e pelos procedimentos técnicos da narrativa e pelo poder evocativo da linguagem do romance.

A narrativa começa "in medias res", num "instante assim admirável, de perfeita tranquilidade" (p. 15), revelando o narrador um "momento de perfeita fé no futuro", antevisto no pensamento de uma personagem Júlio Salgado, que via "todos os nós de sua vida desfeitos", e com a solução deles estariam resolvidos os problemas das outras personagens, apresentadas, em quase sua totalidade, pelo narrador, nos dois primeiros capítulos.

Onisciente, o narrador costura a narrativa, com perfeito domínio da estória e das personagens; através do discurso direto, sustenta o discurso narrativo numa dicção leve, moderna, por vezes, coloquial, sem, no entanto, concessão ao chulo ou trivial.

Todos os críticos aludem ao tom policialesco que, em certos momentos, o discurso assume, o que traz certo agrado ao leitor, já sabedor do autor do crime, mas que se diverte com a curiosidade das personagens. Há até realmente, na narrativa, a figura de um detetive amador, Mr. Wilson, que se vangloria em narrar, repetidas vezes, aos interlocutores, a descoberta que fez, em sua terra, de um crime, usando de seus dotes de Sherlock Holmes, mas que foi incapaz de prevenir seu próprio assassinato, apesar de morrer, numa "alegria detetivesca", ao se certificar, com a punhalada de Júlio Salgado, que suas desconfianças dos falsos engenheiros não eram infundadas.

Nessa passagem, a linguagem da narrativa se reveste de certo humor negro e apresenta uma técnica de fusão entre a fala do narrador e a fala da personagem (Mr. Wilson), numa ambigüidade admirável, não querendo o narrador, de maneira explícita, assumir a ingenuidade do americano. (Veja-se p. 73)

Aliás, a participação de Mr. Wilson é módica, mas denotadora de um "motivo" na ficção de Antônio Callado, que oferece suporte a um artifício de sua linguagem: ação detetivesca, a exigir procedimentos de linguagem narrativa ajustável a ela, como podemos ver em *Madona de Cedro*, *Sempreviva*, *Concerto Carioca* etc.

Outra personagem secundária que ilumina certa área do romance é D. Irma, quando, por seu comportamento de classe média baixa e ascendência alemã, evidencia certos preconceitos burgueses e atitude racista, a correr na sociedade.

Outra novidade interessante da narrativa diz respeito a um fato da linguagem, seu poder de referencialidade, que de tanto apontar para fora de si, com uma série de elementos caracterizadores, constrói "duas personagens", que não falam, não agem, mas se manifestam por interposta pessoa: a figura do coronel Juca e a figura do

Partido. É o coronel Juca um homem bom, um homem sagaz, poderoso, que desvia curso de riacho, que avança e recua marcos, na sua ação de financiar grileiro, de expropriar o pobre sertanejo.

Integra-se, assim, na narrativa, sem dela participar, e torna-se a figura hedionda do coronel sem escrúpulos, o bode expiatório do ódio do camponês, o inimigo invisível, mas nefando, construído pela ideologia. O Partido, por sua vez, sempre com letra maiúscula, misteriosamente indigitado como uma entidade poderosa, muito séria e inflexível nos seus desígnios, a planejar operações, a destacar agentes, vive na narrativa, clandestino, à semelhança de sua sorte na história política do país, como o cérebro do ideológico.

Pululam no universo da narrativa uma pluralidade de personagens, representativas, umas, de uma categoria social, com todos os seus emblemas: é o vigário, o prefeito, o juiz, o promotor, o delegado; o camponês, a dona de casa, o taverneiro, a puta, o soldado; perdem-se na generalidade da categoria, na platitudo da mesmice do tipo que representam.

Outras, contudo, são representativas de si mesmas, crescem em interioridade, no percurso da narrativa; constroem uma individualidade, por sua fala e ações, que lhes dão um perfil distinto, singular, destacado da generalidade categórica, em que se rotulam: Manuel Salviano, como beato, Júlio Salgado, como agente comunista, Ritinha, como prostituta. São três personagens "redondas", complexas e verticulizadas, a partir das forças que as produzem: Manuel Salviano, o beato, gerado em sua grandeza interior pelo religioso; Júlio Salgado, o agente comunista, empedernido em sua perversidade fria, pelo ideológico; Ritinha, desprendida e humana, pela impulsão do erótico.

Se é o diálogo direto, em 3.^a pessoa, que sustenta a conversação, a troca de impressões "inter personas", o pronunciamento delas sobre o mundo das coisas e o mundo das idéias, é o monólogo interior o veículo da linguagem, a serviço do discurso do sonho, dos devaneios, do solilóquio, das divagações, a que Manuel Salviano se entrega, na semi-inconsciência de suas meditações, no abandono de sua morte, na renúncia do jejum e no desprendimento das coisas que o atraem à vida terrena; e a que a cabrocha Ritinha, enlevada no seu amor erótico-místico pelo beato, se apegava, para dar curso ao tumulto de sua consciência, adormecida pelo cansaço e pelo atropelo vertiginoso dos últimos acontecimentos. Com esse procedimento, a linguagem da narrativa, ao escapar da univocidade do discurso direto, acomoda-se, com grande força expressiva, à realidade da consciência, no momento em que ela flui, sem o controle da plena vigília.

HCSD

O monólogo interior, a partir de seu primeiro romance, *Assunção de Salviano*, integrará a estilística de Antônio Callado, que dele se utilizará, com admirável efeito técnico, na manipulação da linguagem “numa impressionante articulação do verbo anterior, esposando os mais sutis entretons do pensamento anterior à articulação verbal”, na afirmação esclarecedora de Tristão de Athayde.

3. CONCLUSÃO

Todo e qualquer leitor (brasileiro) percebe, de imediato, que a ficção de Antônio Callado está encravada na realidade do país, no concreto do cotidiano da vida nacional a, partir da redemocratização, com a constituição de 46, acompanhando bem perto o desenrolar dos fatos, na explosão de sua ocorrência, sustentados no lastro da causalidade histórico-político-social, que deita raízes no nosso passado e no tempo, coetâneo à realização de sua obra.

Dai o sentido de extrema atualidade de sua ficção, que reclama, porém, o concurso de nosso passado cultural, para compreendê-la, nas ressonâncias de nossa história de ontem, sobretudo de hoje, e em suas antecipações proféticas. Ao mesmo tempo em que labora sobre matéria, apanhada na historicidade brasileira, adquire dimensão universal, ao trabalhar aqueles elementos que, existentes na cultura e no homem, se encontram em qualquer tempo ou lugar.

O tratamento formal, suscitado por esse conteúdo, acompanha as transformações da linguagem romanesca, ao nível de nossa literatura e da literatura estrangeira, a lhe acentuar a feição nacional e universal, ao nível da expressão. E o marco inicial desta ficção é, de direito e de fato, *Assunção de Salviano*, que, como já apontamos, anteriormente, serve de prólogo, de “ouverture”, à ficção calladiana em seus grandes temas e procedimentos narrativos, que se aprofundam e diversificam, a cada novo romance.

Nessa preocupação de reelaboração da realidade brasileira, em estreita consonância com nossa cultura, talvez esteja uma chave para a explicação das preocupações do autor com os três elementos — o ideológico — o erótico e o religioso, que afloram no discurso do narrador e no discurso e nas ações das personagens de *Assunção de Salviano*.

À época da publicação de *Assunção de Salviano*, alguns anos recuados e mais alguns à frente, o Nordeste, especialmente o interior de Pernambuco, vivia um tempo de intensa politização do campo, cujo resultado maior são as ligas camponesas.

Exatamente nessa realidade social deste momento histórico, inicial de tempos novos, é que o romance — Assunção de Salviano — colhe os dados que informarão sua visão do ideológico. É evidente que essa visão não se limita à quadra histórica, correspondente ao tempo narrativo. Lá está o Partido, com sua história de 30 anos, em seus momentos de legalidade e clandestinidade, com sua ideologia doutrinal e com sua prática de trabalho ideológico. E lá também estava a história do país, desde 1917 até 1954, com toda a sua sucessão de fatos nacionais e internacionais: Tentativa de tomada. Revolução do Forte de Copacabana (Tenentismo) e Fundação do Partido Comunista (22), Revolução de 30, Intentona Comunista (35), Estado Novo (37), 2.^a Guerra Mundial — Redemocratização do País (46), Suicídio de Vargas (54) etc. A Operação Canudos, surgida na narrativa, as referências à participação de Manuel Salviano, nos movimentos camponeses no sul do país, ampliam de muito os horizontes, no nosso passado histórico de luta pela posse da terra.

A esse passado mais remoto, estão associadas as explosões de fanatismo religioso, que também caracteriza uma feição cultural do Nordeste, cuja “gente dá para beato por dez réis de mel coado.

— Dez réis de quê?

— Não se incomode com isto. Por dá cá aquela palha, queria eu dizer. O fato é que quando menos se espera aparece um deles até de cruz às costas, como nosso Salvador. Já vi um que andou de cruz aí por esses carrascais até rebentar”. (p. 67).

É nesse traço cultural de nordestinidade que se justifica a presença do religioso em Assunção de Salviano, na sua feição popular, cujo fanatismo vem associado à revolta reivindicatória pela posse da terra pelas camadas oprimidas do campesinato, de cambulhada com o misticismo, que floresce na alma do sertanejo nordestino, a qual, dadas as condições sociais, é muito sensível a influências messiânicas. A figura do Pe. Generoso, como representante da Igreja oficial, é a contrapartida não-popular, que fecha o campo do religioso, na narrativa.

Pelo erótico respondem até dois fatores: a cultura brasileira, que nele encontra um de seus traços caracterizadores, e a própria natureza do homem, que nele tem uma das forcas na propagação da espécie e um dos sustentáculos da criação artística, cujos representantes, na narrativa, encontramos no animal femeeiro e poeta João Martins, protótipo exemplar da natureza e modesta, mas real, realização do artístico, e na cabrocha Ritinha, como cultural brasileiro de substanciosa encarnação de erótico.

Mas esses três elementos, selecionados na realidade humana e histórica, não passariam de matéria da Antropologia ou da História,

não fora o toque de Rei Midas da linguagem literária, tão bem manejada em Assunção de Salviano, que os transformou em matéria fletional, transmutando-lhes a natureza, para lhes soprar o poder de ensinar e divertir, conscientizar e sonhar, na perplexidade narrativa de um ideológico fracassado, de um erótico vitalizante e de um religioso sem força redentora.

4. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

1. CALLADO, Antônio. *Assunção de Salviano*. Rio: Nova Fronteira, 1983.
2. LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico*. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
3. COSTA, Edison José da. *Quarup: Tronco e Narrativa*. Curitiba: Scienza et Labor, 1988.
4. FELDMANN, Helmut. *O índio no romance brasileiro, pós 64* (no prelo). s.n.t.
5. MORAIS, Dênis de Prestes. VIANA, Francisco. *Lutas e Autocríticas*. Petrópolis: Vozes, 1982.
6. MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização* 6. ed. Rio: Zahar, 1975.